

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

Diferença de médias não é critério de identificação: limites conceituais e psicométricos das sobreexcitabilidades como marcador de superdotação

Mean differences are not identification criteria: conceptual and psychometric limits of overexcitabilities as a marker of giftedness.

La diferencia de medios no es un criterio de identificación: los límites conceptuales y psicométricos de la sobreexcitabilidad como marcador de superdotación

Marcel Ricardo Goto

<http://lattes.cnpq.br/6225327196769122>

RESUMO: Este artigo discute o uso das sobre-excitabilidades (OEs), oriundas da Teoria da Desintegração Positiva (TDP) de Kazimierz Dabrowski, como marcadores, características típicas ou critérios de identificação de altas habilidades/superdotação (AH/SD). Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com ênfase em estudos meta-analíticos, psicométricos e conceituais sobre a relação entre sobreexcitabilidade, superdotação, personalidade e saúde mental. Argumenta-se que a literatura disponível não sustenta a conversão das OEs em critério de identificação: os efeitos encontrados são heterogêneos, concentram-se sobretudo na dimensão intelectual, variam conforme a operacionalização da superdotação e se sobrepõem parcialmente a construtos estabelecidos pela psicologia da personalidade, especialmente à abertura à experiência. Conclui-se que as OEs podem ter valor como descritores fenomenológicos, mas não devem ser tratadas como evidência suficiente de superdotação nem como fundamento psicométrico para triagem no contexto educacional.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação; sobreexcitabilidade; Dabrowski; identificação; abertura à experiência.

ABSTRACT: This article discusses the use of overexcitabilities (OEs), derived from Kazimierz Dabrowski's Theory of Positive Disintegration (TPD), as markers, typical characteristics, or identification criteria for giftedness. It is a narrative literature review that emphasizes meta-analytic, psychometric, and conceptual studies on the relationships among overexcitabilities, giftedness, personality, and mental health. The article argues that the available literature does not support the conversion of OEs into identification criteria: reported effects are heterogeneous, focus mainly on the intellectual dimension, vary depending on how giftedness is operationalized, and partially overlap with established constructs in personality psychology, especially openness to experience. It concludes that OEs may have value as phenomenological descriptors, but should not be treated as sufficient evidence of giftedness or as a psychometric foundation for educational screening.

Keywords: giftedness; overexcitability; Dabrowski; identification; openness to experience.

1. INTRODUÇÃO

A Teoria da Desintegração Positiva, proposta por Kazimierz Dabrowski, é uma referência recorrente na literatura sobre AH/SD para interpretar características socioemocionais atribuídas a indivíduos superdotados. Originalmente formulada como uma teoria do desenvolvimento da personalidade, ela descreve processos de tensão interna, conflito psíquico e reorganização moral que poderiam, em alguns indivíduos, favorecer o desenvolvimento emocional e ético. Nesse contexto, as chamadas sobre-excitabilidades (psicomotora, sensorial, imaginativa, intelectual e emocional) foram concebidas como manifestações de elevada responsividade a estímulos e como componentes de um

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

potencial mais amplo de desenvolvimento da personalidade (Dabrowski, 1964; Dabrowski e Piechowski, 1977; Mendaglio, 2012). No campo das AH/SD, contudo, esse construto passou a circular de modo relativamente autônomo, como se as OEs constituíssem traços típicos, distintivos ou mesmo definidores dos indivíduos superdotados (Piechowski, 1979; Silverman, 2000; Winkler, 2014).

Essa recepção produziu uma associação recorrente entre superdotação e intensidade. Em textos voltados a educadores, famílias e profissionais da saúde, crianças e adolescentes superdotados são frequentemente descritos como mais sensíveis, imaginativos, inquietos, emocionalmente intensos, curiosos ou reativos do que seus pares. Embora tais descrições possam ter valor fenomenológico e, em alguns casos, corresponder à experiência subjetiva de indivíduos superdotados, sua transformação em critério de identificação ou em característica geral das AH/SD exige cautela. Há diferença substantiva entre afirmar que determinados estudantes superdotados apresentam traços de intensidade e sustentar que tais traços constituem indicadores válidos de superdotação (Mendaglio, 2012; Winkler e Voight, 2016; Rinn, 2024).

Tal distinção é central porque a identificação de AH/SD tem consequências educacionais concretas. Quando características comportamentais associadas à sobreexcitabilidade são incorporadas a processos de triagem ou encaminhamento, corre-se o risco de produzir uma definição circular: estudantes são identificados como superdotados em parte porque apresentam traços descritos como típicos da superdotação, e esses mesmos traços passam posteriormente a ser interpretados como evidência de que os superdotados, enquanto grupo, são mais intensos. A literatura recente tem chamado a atenção para esse problema, sobretudo quando as OEs são mobilizadas em instrumentos, listas de características e materiais de formação docente, sem demonstração suficiente de validade discriminativa (Carman, 2011; Mendaglio, 2012; Olszewski-Kubilius et al., 2026).

A possibilidade de usar as OEs como meio de identificação não é mera especulação. Winkler e Voight (2016) observam que Piechowski (1979), ao introduzir as OEs à comunidade da educação de superdotados, argumentou que elas poderiam ser melhores preditoras de superdotação do que os métodos tradicionais de identificação, como os testes de QI. Os autores também registram que outros trabalhos passaram a considerar níveis elevados de OEs como um possível método de identificação de estudantes superdotados. Assim, a crítica ao uso classificatório desse construto responde a uma proposta efetivamente presente na literatura, e não a uma caricatura do campo.

Este artigo argumenta que as sobreexcitabilidades podem ter valor descritivo na compreensão da experiência subjetiva de alguns estudantes superdotados, mas a literatura disponível não sustenta sua conversão em marcador psicométrico ou em critério de identificação.

2. PROCEDIMENTO DE REVISÃO

Este artigo adota o formato de revisão narrativa da literatura. Não se pretendeu realizar uma revisão sistemática exaustiva, mas sim organizar evidências conceituais, psicométricas e meta-analíticas relevantes para avaliar a legitimidade do uso das sobre-excitabilidades como marcadores de AH/SD. Foram priorizados estudos sobre a relação entre OEs e superdotação, a sobreposição entre elas e construtos de personalidade, os problemas de validade classificatória e os efeitos de viés de identificação em pesquisas sobre altas habilidades.

3. DAS SOBRE-EXCITABILIDADES EM DABROWSKI AO USO EDUCACIONAL EM AH/SD

Na Teoria da Desintegração Positiva, as sobreexcitabilidades integram um modelo mais amplo do desenvolvimento da personalidade e não uma lista autônoma de traços de indivíduos superdotados. Elas expressam uma responsividade ampliada em cinco domínios: psicomotor, sensorial, imaginativo, intelectual e emocional, cuja relevância, segundo Dabrowski, depende de sua articulação com dinamismos, níveis de desenvolvimento e processos de desintegração positiva (Dabrowski, 1964; Dabrowski e Piechowski, 1977; Mendaglio, 2012).

No campo da educação de superdotados, entretanto, as OEs passaram a ser frequentemente apresentadas como características recorrentes desses indivíduos. Esse deslocamento foi historicamente mediado pela recepção de Dabrowski na literatura norte-americana sobre educação para superdotados (gifted education), especialmente a partir da obra de Michael Piechowski, que introduziu as OEs como uma lente para compreender a experiência emocional e comportamental dos superdotados (Piechowski, 1979; Winkler, 2014; Winkler e Voight, 2016). A partir daí, o construto passou a aparecer em livros, sites, manuais para famílias e textos de formação de professores como explicação para a sensibilidade, a inquietação, a intensidade afetiva, a imaginação vívida e a curiosidade intelectual (Silverman, 2000).

As sobre-excitabilidades deixam, então, de funcionar como componentes de uma teoria do desenvolvimento da personalidade e passam a operar como descritores de grupo: os superdotados seriam, por definição ou tendência, mais intensos do que os demais (Mendaglio, 2012; Vuyk, Kerr e Krieschok, 2016).

O problema não consiste em estudar empiricamente as OEs, mas em presumir que sua presença constitua evidência de superdotação. Uma criança pode ser sensível, imaginativa, curiosa ou inquieta por múltiplas razões: temperamento, personalidade, contexto familiar, ansiedade, TDAH,

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

TEA, experiências escolares, privação de estímulo ou simplesmente variação normal do desenvolvimento. Nenhuma dessas possibilidades é, por si só, equivalente a alta capacidade cognitiva, alto desempenho, potencial de aprendizagem acelerado ou talento em um domínio específico (Rinn, 2024; Williams et al., 2023).

4. UMA CONTROVÉRSIA TAMBÉM INTERNA À TRADIÇÃO DABROWSKIANA

A crítica ao uso isolado das sobre-excitabilidades não deve ser confundida com uma rejeição genérica de Dabrowski. Parte da controvérsia decorre justamente do fato de que o uso educacional das OEs nem sempre corresponde ao lugar que elas ocupavam na Teoria da Desintegração Positiva. Mendaglio (2012) observa que grande parte das pesquisas recentes trata as OEs como variáveis contínuas, normalmente distribuídas e diretamente comparáveis entre grupos de inteligência mais alta e mais baixa. Para o autor, essa prática é metodologicamente convencional, mas teoricamente problemática, pois não respeita a coerência interna da TDP.

Winkler (2014) descreve o campo como dividido entre proponentes e céticos quanto à relação entre superdotação e sobre-excitabilidade. De um lado, autores como Piechowski, Silverman e colaboradores defenderam que indivíduos superdotados apresentam níveis mais elevados de OEs, com especial atenção às dimensões intelectuais, imaginativas e emocionais. De outro lado, autores como Mendaglio, Tillier, Pyryt e Piirto questionaram a força da evidência empírica, a interpretação dos instrumentos disponíveis e a extrapolação de pequenos estudos para afirmações gerais sobre a personalidade dos superdotados (Winkler, 2014; Winkler e Voight, 2016). Essa discordância mostra que, mesmo entre autores que têm Dabrowski como referencial, não há consenso sobre o papel das OEs na superdotação nem sobre a autonomia do construto das OEs em relação a outros elementos da TDP.

5. EVIDÊNCIA EMPÍRICA: ASSOCIAÇÃO NÃO É MARCADOR

A literatura empírica não autoriza uma conclusão simples. Há estudos que encontram diferenças entre grupos superdotados e não superdotados em algumas dimensões de OE; há estudos que obtêm resultados parciais; e há achados que dependem fortemente da forma como a superdotação foi definida. Isso torna inadequada a inferência de que as sobreexcitabilidades constituam características nucleares da superdotação. O mais prudente é afirmar que há associações específicas, heterogêneas e dependentes do contexto (Winkler, 2014; Winkler e Voight, 2016; Olszewski-Kubilius et al., 2026).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 01/05/2026** | **aceito: 04/05/2026** | **publicação: 07/05/2026**

Na meta-análise de Winkler e Voight (2016), amostras superdotadas apresentaram médias mais altas de OE do que as não superdotadas, mas o padrão foi desigual. A dimensão psicomotora não apresentou efeito estatisticamente significativo; as dimensões emocional e sensorial apresentaram efeitos pequenos; e as dimensões intelectual e imaginativa apresentaram efeitos médios. Esse resultado é importante porque contradiz a versão forte da narrativa de intensidade global: a evidência não mostra que os superdotados sejam uniformemente mais intensos em todos os domínios, e muito menos que a intensidade emocional seja o eixo mais robusto da diferença (Winkler; Voight, 2016). A meta-análise de Olszewski-Kubilius et al. (2026), baseada em 230 efeitos extraídos de 20 estudos, reforça essa leitura. Embora tenha encontrado uma associação geral positiva entre OEs e superdotação, a força da relação variou conforme a dimensão analisada e a definição de superdotação adotada. A associação foi mais forte para OE intelectual e mais fraca para OE emocional e sensorial. Mais importante ainda, a relação foi inexistente quando a superdotação foi operacionalizada como inteligência geral ou como capacidade cognitiva, e mais forte quando a condição de superdotado foi definida por identificação prévia em programas ou serviços (Olszewski-Kubilius et al., 2026).

Tabela 1 - Síntese dos tamanhos de efeito médios por dimensão de OE em Olszewski-Kubilius et al. (2026)

Dimensão de OE	Hedges g	IC 95%	Interpretação no artigo
Intelectual	0,41	0,28 a 0,53	associação mais forte
Imaginativa	0,24	0,14 a 0,35	efeito pequeno
Sensorial	0,19	0,10 a 0,28	efeito pequeno
Psicomotora	0,13	0,02 a 0,24	efeito pequeno
Emocional	0,09	-0,04 a 0,22	não significativo

Fonte: elaborado a partir de Olszewski-Kubilius et al. (2026).

Esse achado sugere que parte da associação entre superdotação e OEs pode refletir as próprias práticas de identificação. Estudantes previamente identificados como superdotados podem ter sido selecionados por professores, famílias ou programas que já valorizavam sinais de curiosidade, intensidade, inquietação ou criatividade aparente. Nesses casos, a diferença posterior em sobreexcitabilidade não demonstraria necessariamente uma propriedade intrínseca da superdotação, mas sim a presença de critérios ou expectativas que participaram do processo de identificação (Olszewski-Kubilius et al., 2026; Rinn, 2024).

A comparação com outros achados meta-analíticos do campo ajuda a dimensionar esse problema. Ogurlu (2020), em uma revisão de meta-análises sobre superdotação, relata que Martin, Burns e Schonlau (2010) encontraram níveis significativamente menores de ansiedade em jovens

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

superdotados, com tamanho de efeito de $d = -0,72$. Julgado apenas pela magnitude do efeito, esse resultado seria mais forte do que qualquer efeito médio observado em sobre-excitabilidades. No entanto, menor ansiedade dificilmente seria considerada um traço definidor ou um critério de identificação de superdotação. O contraste evidencia que o tamanho de efeito e a validade classificatória são questões distintas.

6. SOBRE-EXCITABILIDADE OU ABERTURA À EXPERIÊNCIA?

Além da força empírica limitada, há um problema de validade discriminante. Se as sobre-excitabilidades descrevem comportamentos já capturados por modelos estabelecidos de personalidade, sua utilidade teórica e prática depende também de demonstrarem validade incremental, isto é, de ganho explicativo ou preditivo em relação a construtos já consolidados (Limont et al., 2014; Vuyk, Krieschok e Kerr, 2016).

O principal candidato a essa sobreposição é a abertura à experiência, uma das dimensões do modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade. A abertura à experiência envolve curiosidade intelectual, imaginação, sensibilidade estética, receptividade a emoções e interesse por ideias novas. Essas características se aproximam fortemente das descrições de OE imaginativa, sensorial, emocional e intelectual, sendo esta última a que apresenta maior associação com superdotação. Limont et al. (2014) examinaram adolescentes superdotados e controles e encontraram diferenças entre os grupos em OE intelectual, OE imaginativa e abertura à experiência, mas não em OE emocional. Como as diferenças se concentraram em dimensões próximas de curiosidade, imaginação e abertura a ideias, os resultados favorecem uma interpretação em termos de traços de personalidade e interesses cognitivos, e não de uma intensidade global característica da superdotação.

Vuyk, Krieschok e Kerr (2016) formularam a crítica de forma mais direta: quando retiradas do contexto da TDP, as OEs parecem corresponder a facetas da abertura à experiência. Em sua análise, pares conceitualmente correspondentes (como fantasia e OE imaginativa, estética e OE sensorial, sentimentos e OE emocional, ideias e OE intelectual) apresentaram alta proximidade, levando os autores a defender que o campo das altas habilidades deveria adotar construtos psicológicos mais consolidados, em vez de preservar a terminologia dabrowskiana, sem ganho claro de precisão (Vuyk; Krieschok; Kerr, 2016; Vuyk; Kerr, 2021).

Essa discussão se aproxima da chamada falácia jangle: o erro de supor que dois construtos são diferentes apenas porque recebem nomes distintos. Se uma medida de sobre-excitabilidade e uma medida de traços de personalidade capturam praticamente o mesmo domínio psicológico, então o

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

uso da primeira requer justificativa adicional. Caso contrário, o vocabulário das OEs pode criar a impressão de especificidade quando, na verdade, descreve dimensões gerais da personalidade humana (Vuyk; Kerr, 2021).

Essa objeção não implica que a abertura à experiência explique toda a fenomenologia atribuída às OEs. A própria literatura reconhece que a sobreposição pode não ser completa, especialmente em dimensões menos alinhadas à abertura, como a psicomotora (Olszewski-Kubilius et al., 2026). Ainda assim, a sobreposição é suficiente para exigir cautela: antes de usar OEs como linguagem privilegiada para compreender superdotação, seria preciso demonstrar que elas explicam algo além de construtos mais bem estabelecidos na literatura psicológica (Limont et al., 2014; Vuyk, Krieschok e Kerr, 2016; Fries et al., 2022).

7. O SALTO PSICOMÉTRICO: DE DIFERENÇAS MÉDIAS À IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL

O ponto psicométrico central pode ser formulado de maneira simples: a diferença entre médias não é um critério de identificação. Um grupo pode apresentar média mais alta do que outro em determinada variável e, ainda assim, a sobreposição entre as distribuições pode ser grande demais para que essa variável classifique indivíduos com precisão. Isso ocorre com frequência em psicologia e educação, campos nos quais muitos efeitos são estatisticamente significativos, mas insuficientes para decisões diagnósticas ou classificatórias.

Para que uma variável seja usada na identificação, é necessário conhecer como ela se comporta em amostras reais de triagem. Sensibilidade, especificidade e valor preditivo positivo indicam, respectivamente, a capacidade de detectar corretamente indivíduos do grupo-alvo, de excluir corretamente os demais e de estimar quantos dos casos classificados como positivos de fato pertencem ao grupo-alvo. Esses índices dependem não apenas do tamanho do efeito, mas também da prevalência da condição identificada (Glover e Albers, 2007; Haynes e Lench, 2003).

Mesmo uma variável moderadamente associada à superdotação pode apresentar baixo valor preditivo positivo quando aplicada a populações escolares amplas, nas quais a prevalência de altas habilidades, segundo critérios mais restritos, é relativamente baixa. Assim, um estudante com alta OE intelectual pode ser simplesmente curioso, verbalmente ativo, aberto à experiência ou interessado em conteúdos acadêmicos. Sem evidências adicionais de capacidade, desempenho ou potencial de aprendizagem, a pontuação em OE não permite inferir, com segurança, superdotação (Carman, 2011; Olszewski-Kubilius et al., 2026).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 01/05/2026** | **aceito: 04/05/2026** | **publicação: 07/05/2026**

O problema inverso também importa. Se os materiais de identificação enfatizam intensidade emocional, imaginação vívida ou sensibilidade sensorial, estudantes superdotados com perfil mais discreto, estável, reservado ou pouco expressivo podem ser subidentificados. Isso é especialmente preocupante em contextos em que a identificação já é influenciada por classe social, gênero, raça, desempenho escolar e expectativas docentes (Ogurlu, 2020; Rinn, 2024). A adoção de marcadores pouco específicos tende a beneficiar os estudantes que se aproximam do estereótipo cultural de superdotado, não necessariamente aqueles com maior necessidade de atendimento educacional especializado (Rinn, 2024; Vuyk e Kerr, 2021).

Portanto, a crítica psicométrica tem consequências para a justiça educacional. Um critério fraco pode produzir falsos positivos, ao atribuir superdotação a estudantes intensos, mas sem evidências suficientes de altas habilidades, e falsos negativos, ao invisibilizar estudantes com alto potencial que não exibem os comportamentos esperados. Em ambos os casos, a identificação deixa de orientar adequadamente o acesso a oportunidades educacionais compatíveis com as necessidades reais de aprendizagem e de desenvolvimento.

8. IMPLICAÇÕES PARA IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO EM AH/SD

As sobre-excitabilidades podem ter utilidade descritiva para compreender experiências subjetivas de intensidade, sensibilidade ou envolvimento imaginativo. Contudo, reconhecer essas características não equivale a estabelecer um critério de superdotação (Mendaglio, 2012; Vuyk e Kerr, 2021).

Em processos de identificação, a literatura disponível sugere que as OEs não devem desempenhar função classificatória, mas poderiam contribuir como informações auxiliares sobre o perfil socioemocional do estudante. Características socioemocionais ajudam a compreender como um estudante aprende, reage ao ambiente, lida com a frustração ou se engaja em tarefas complexas, mas não substituem evidências de capacidade cognitiva, desempenho avançado, produção em um domínio específico, criatividade demonstrável ou potencial de aprendizagem. Em termos educacionais, a identificação deve responder à pergunta: que tipo de oportunidade, aceleração, enriquecimento ou apoio este estudante necessita? Não à pergunta: este estudante se parece com a imagem cultural do superdotado intenso?

A cautela também se justifica diante da sobreposição entre algumas descrições de OE e sinais usualmente discutidos em contextos de avaliação psicológica, de neurodesenvolvimento ou de saúde mental. Descrições de OE psicomotora podem se aproximar de comportamentos associados ao TDAH; descrições de OE sensorial podem se sobrepor a sensibilidades discutidas no TEA ou em

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 01/05/2026 | aceito: 04/05/2026 | publicação: 07/05/2026

perfis de processamento sensorial divergente; e descrições de OE emocional incluem ansiedade, medo, depressão, dificuldades interpessoais e ruminação. Interpretar preferencialmente esses sinais como manifestações de superdotação pode atrasar uma avaliação adequada, minimizar sofrimento ou transformar sintomas clinicamente relevantes em traços identitários valorizados (Vuyk; Kerr, 2021; Rinn, 2024).

A literatura recente sobre inteligência e saúde mental reforça a necessidade de separar amostras seletivas de evidências populacionais. Estudos com membros da Mensa, uma associação para indivíduos superdotados, podem encontrar prevalências elevadas de alguns quadros psicológicos e condições de saúde, mas esses grupos envolvem identificação prévia de AH/SD e autoseleção, por meio da adesão voluntária a uma sociedade de alto QI (Karpinski et al., 2018; Fries et al., 2022). Em contraste, estudos populacionais amplos indicam que alta inteligência não se associa a maior propensão geral a transtornos mentais, podendo, inclusive, atuar como fator protetivo para alguns desfechos (Williams et al., 2023).

Assim, o uso educacional prudente das OEs exige deslocar o foco da identificação para o atendimento. Em vez de perguntar se a intensidade comprova superdotação, deve-se perguntar como determinadas características (curiosidade intensa, sensibilidade, imaginação, inquietação ou envolvimento emocional) afetam a experiência escolar de um estudante específico. Esse deslocamento preserva o que há de fenomenologicamente relevante na noção de intensidade, sem convertê-la em um marcador classificatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura sobre sobreexcitabilidades e altas habilidades/superdotação revela uma tensão persistente entre valor descritivo e validade classificatória. A linguagem das OEs pode ser reconhecida subjetivamente e, em alguns contextos, útil para nomear experiências de intensidade, mas a familiaridade fenomenológica de um conceito não basta para transformá-lo em marcador de superdotação.

As evidências disponíveis indicam que as associações entre OEs e superdotação são heterogêneas, dependentes da definição de superdotação e mais consistentes na dimensão intelectual do que nas dimensões emocionais, sensoriais ou psicomotoras. Além disso, parte do construto se sobrepõe a modelos estabelecidos de personalidade, especialmente à abertura à experiência. Mesmo quando diferenças médias são observadas, elas não fornecem, por si sós, base suficiente para identificação individual.



Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 01/05/2026** | **aceito: 04/05/2026** | **publicação: 07/05/2026**

Em síntese, a sobre-excitabilidade pode ser uma dimensão da experiência de alguns indivíduos superdotados, mas a literatura existente não sustenta sua conversão em um marcador de superdotação. Confundir uma linguagem de descrição subjetiva com um critério psicométrico enfraquece a pesquisa empírica e transforma uma ferramenta interpretativa em uma regra de identificação sem validade demonstrada.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Financiamento: Este artigo não recebeu financiamento.

REFERÊNCIAS

CARMAN, C. A. Adding personality to gifted identification: Relationships among traditional and personality-based constructs. **Journal of Advanced Academics**, v. 22, n. 3, p. 412–446, 2011.

DABROWSKI, K. **Positive disintegration**. Boston: Little, Brown, 1964.

DABROWSKI, K.; PIECHOWSKI, M. M. **Theory of levels of emotional development**. Oceanside: Dabor Science Publications, 1977.

FRIES, J.; BAUDSON, T. G.; KOVACS, K.; PIETSCHNIG, J. Bright, but allergic and neurotic? A critical investigation of the “overexcitable genius” hypothesis. **Frontiers in Psychology**, v. 13, artigo 1051910, 2022. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.1051910.

GLOVER, T. A.; ALBERS, C. A. Considerations for evaluating universal screening assessments. **Journal of School Psychology**, v. 45, n. 2, p. 117-135, 2007. DOI: 10.1016/j.jsp.2006.05.005.

HAYNES, S. N.; LENCH, H. C. Incremental validity of new clinical assessment measures. **Psychological Assessment**, v. 15, n. 4, p. 456–466, 2003. DOI: 10.1037/1040-3590.15.4.456.

KARPINSKI, R. I.; KINASE KOLB, A. M.; TETREAUULT, N. A.; BOROWSKI, T. B. High intelligence: A risk factor for psychological and physiological overexcitabilities. **Intelligence**, v. 66, p. 8–23, 2018. DOI: 10.1016/j.intell.2017.09.001.

LIMONT, W.; DRESZER-DROGORÓB, J.; BEDYŃSKA, S.; ŚLIWIŃSKA, K.; JASTRZĘBSKA, D. “Old wine in new bottles”? Relationships between overexcitabilities, the Big Five personality traits, and giftedness in adolescents. **Personality and Individual Differences**, v. 69, p. 199–204, 2014. DOI: 10.1016/j.paid.2014.06.003.

MARTIN, L. T.; BURNS, R. M.; SCHONLAU, M. Mental disorders among gifted and nongifted youth: A selected review of the epidemiologic literature. **Gifted Child Quarterly**, v. 54, n. 1, p. 31-41, 2010. DOI: 10.1177/0016986209352684.

MENDAGLIO, S. Overexcitabilities and giftedness research: A call for a paradigm shift. **Journal for the Education of the Gifted**, v. 35, n. 3, p. 207–219, 2012. DOI: 10.1177/0162353212451704.
OGURLU, U. Overview of meta-analyses on giftedness. **Gifted and Talented International**, v. 35, n. 2, p. 110–127, 2020. DOI: 10.1080/15332276.2021.1893135.



Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 01/05/2026** | **aceito: 04/05/2026** | **publicação: 07/05/2026**

OLSZEWSKI-KUBILIUS, P.; STEENBERGEN-HU, S.; CALVERT, E.; RICHERT CORWITH, S.; BRIGHT, S. A meta-analysis of research on the relationship between overexcitabilities and giftedness. **Gifted Child Quarterly**, v. 70, n. 2, p. 111–138, 2026. DOI: 10.1177/00169862251370377.

PIECHOWSKI, M. M. Developmental potential. In: COLANGELO, N.; ZAFFRANN, R. T. (org.). **New voices in counseling the gifted**. Dubuque: Kendall/Hunt, 1979. p. 25–57.

RINN, A. N. A critique on the current state of research on the social and emotional experiences of gifted individuals and a framework for moving the field forward. **Gifted Child Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 34–48, 2024. DOI: 10.1177/00169862231197780.

SILVERMAN, L. K. **Counseling the gifted and talented**. Denver: Love Publishing, 2000.

VUYK, M. A.; KERR, B. A.; KRIESHOK, T. S. From overexcitabilities to openness: Informing gifted education with psychological science. **Gifted and Talented International**, v. 31, n. 1, p. 59–71, 2016. DOI: 10.1080/15332276.2016.1220796.

VUYK, M. A.; KRIESHOK, T. S.; KERR, B. A. Openness to experience rather than overexcitabilities: Call it like it is. **Gifted Child Quarterly**, v. 60, n. 3, p. 192–211, 2016. DOI: 10.1177/0016986216645407.

VUYK, M. A.; KERR, B. A. Openness to experience and overexcitabilities, a jangle fallacy with ethical implications: A response to Barry Grant. **Roeper Review**, v. 43, n. 2, p. 139–141, 2021. DOI: 10.1080/02783193.2021.1881749.

WILLIAMS, C. M.; PEYRE, H.; LABOURET, G.; FASSAYA, J.; GUZMAN GARCIA, A.; GAUVRIT, N.; RAMUS, F. High intelligence is not associated with a greater propensity for mental health disorders. **European Psychiatry**, v. 66, n. 1, e3, 2023. DOI: 10.1192/j.eurpsy.2022.2343.

WINKLER, D. L. **Giftedness and overexcitability: Investigating the evidence**. 2014. Tese (Doctor of Philosophy) - Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Baton Rouge, 2014.

WINKLER, D.; VOIGHT, A. Giftedness and overexcitability: Investigating the relationship using meta-analysis. **Gifted Child Quarterly**, v. 60, n. 4, p. 243–257, 2016. DOI: 10.1177/0016986216657588.